

A metáfora e a linguística textual

R E S U M O

Muito se tem escrito sobre a metáfora, tanto na área da estilística literária como nas da filosofia linguística e da semântica: estas interrogam-se sobre a natureza do fenómeno e procuram estabelecer-lhe coordenadas classificatórias; aquela inclina-se mais para a análise dos efeitos literários criados no texto por esta figura eminentemente 'poética'. Uma vez que, no texto escrito, com a sua maior densidade lexical em relação ao discurso oral, as formas 'incongruentes' (Halliday: 1985) devem criar certos problemas a nível da COESÃO, estranha-se a pouca atenção que a linguística textual tem dedicado à metáfora (veja-se, p.ex., a ausência de referências tanto em Halliday & Hasan: 1976 como em Beaugrande & Dossler: 1981). Numa nossa comunicação anterior ('Factores de coesão no ensino do texto poético', *Actas do 1º Encontro Nacional de Didáctica*, Aveiro, 1988), tratámos brevemente de alguns dos aspectos problemáticos da metáfora, mas apenas no âmbito mais geral dos factores de coesão. No presente trabalho, pretendemos aprofundar o nosso estudo no sentido de tentar esclarecer quais os processos necessários para estabelecer, num texto altamente metafórico, a 'texture' que, segundo Halliday & Hasan (1976), é produto, precisamente, da coesão.

ABSTRACT

Much has been written about metaphor, both in literary stylistics and in the fields of linguistic philosophy and semantics: these latter discuss the nature of the phenomenon and attempt to lay down guidelines for classification, while the former leans towards the analysis of the literary effects created in the text by this eminently 'poetic' trope. In the written text, with its greater lexical density in relation to oral discourse, 'incongruent' forms (Halliday: 1985) must cause certain problems for textual COHESION and it is surprising that text linguistics has given so little attention to metaphor (there are no references, for example, in either Halliday & Hasan: 1976 or Beaugrande & Dressler: 1981). In a previous paper ('Factores de coesão no ensino do texto poético', *Actas do 1º Encontro Nacional de Didáctica*, Aveiro, 1988), we dealt briefly with some of the problems related to metaphor, but in the more general context of aspects of textual cohesion. The intention of the present paper is to deal specifically with metaphor and to attempt to discover how, in an extremely metaphorical text, one can find the 'texture' which, according to Halliday & Hasan (1976), is created by cohesion.

References

- Halliday & Hasan, 1976. *Cohesion in English*. Longman.
- Beaugrande & Dressler, 1981. *Introduction to Text Linguistics*. Longman.
- Halliday, MAK, 1985. *An Introduction to Functional Grammar*. Edward Arnold.

Desde a *Poética* e a *Retórica* de Aristóteles que se tem escrito sobre a metáfora, mas este tropo eminentemente 'poético' continua a desafiar os linguistas, que propõem as explicações mais diversas. E parece não ter havido propriamente uma evolução na tentativa de imobilizar a borboleta esquiva (passe a metáfora!), uma vez que Stephen Levinson, na sua obra *Pragmatics*, de 1983, conclui pela capacidade humana de pensar em termos análogos. Não é intenção nossa contribuir para o debate ontológico, nem entrar na discussão sintáctico-semântica, nem, ainda, nos julgamentos literários, deste assunto '1'. Parece-nos que o debate se tem pautado pela comparação com o sistema linguístico, levando sempre à discussão de exemplos isolados, mesmo quando se trata de avaliar o efeito de metáforas em textos literários.

A linguística textual, ao interessar-se pelos factores que explicam - e dificultam - a textualidade, ou conectividade, e apesar de ir buscar conceitos e mecanismos operatórios às ciências cognitivas, debruça-se pouco sobre a problemática. Halliday & Hasan (1976) não aceitam o desafio que a metáfora parece oferecer ao próprio conceito da coesão, com a importância outorgada à coesão lexical. Afirmam eles (292): "However luxuriant the grammatical cohesion displayed by any piece of discourse, it will not form a text unless this is matched by cohesive patterning of a lexical kind." Mas, como pretendemos mostrar, a metáfora não está incluída nos factores de coesão lexical estudados por estes autores e parece constituir um elemento contrário à coesão, e daí à textura que ela transmite ao discurso.

Num anterior trabalho nosso sobre coesão (Parker, J. M. e Coimbra, R. L. 1988), dedicámos algum espaço a problemas surgidos no ensino do texto poético pela presença de metáforas. Dos três casos que focámos, um foi resolvido por recurso à co-referencialidade, o segundo através do conceito de *downgrading* proposto por Beaugrande & Dressler (1981) e o terceiro, metáfora *in absentia*, transforma o texto onde aparece em metáfora desenvolvida e sugere-lhe uma interpretação simbólica, pelo facto, justamente, de não constituir um elo de coesão lexical. Em qualquer dos casos, julgámos poder falar no estabelecimento da coesão devido à eliminação de semas diferenciadores ou ao aproveitamento de certos semas apenas. No entanto, falámos igualmente em restabelecimento da continuidade textual, e compete-nos tentar esclarecer se, de facto, coesão e continuidade textual podem ser consideradas um ou o mesmo processo.

Halliday & Hasan têm sido criticados ⁽²⁾ por afirmarem que a textura, produto segundo eles da coesão, seja realizada pelos factores puramente linguísticos que descrevem no seu livro (1976). Convém esclarecer, desde já, que os próprios autores são responsáveis por um certo clima de contradição que surge no livro, pois em certos momentos afirmam ser a coesão que confere textura, enquanto noutras alturas consideram a coesão um mero elemento que contribui para a textura (ver p.ex. págs. 314-327). As outras componentes seriam, por um lado, a estruturação da frase de modo a relacioná-la ao seu ambiente - ou seja os sistemas temático e informacional da frase -, e por outro a macro-estrutura do texto - ou seja a sua tipologia (diálogo natural, narrativa, poema lírico, etc.). Ainda noutra passagem (299), entendem que a coesão seria responsável pela continuidade que permite ao leitor fornecer as peças que faltam ao texto, mas que são necessárias à sua interpretação ⁽³⁾.

Já Robert de Beaugrande (1980) e Beaugrande & Dressler (1981) fazem uma distinção entre a

conectividade sequencial, que corresponde à coesão, e a conectividade conceptual, que depende de vários factores de ordem social e psicológica. A textualidade, ou continuidade textual - que deve ser a mesma coisa que a textura de Halliday & Hasan - é produto de todos estes factores, e a coesão sozinha podia ser um mero exercício formal resultando num texto sem nexos conceptuais. Só o será, evidentemente, se o produtor do texto transgredir, de propósito, as máximas de cooperação (Grice, 1967), o que fará com alguma intenção específica. A metáfora constitui uma transgressão deste tipo (à máxima de qualidade, e talvez à de relação), ao mesmo tempo que foge às categorias de coesão lexical propostas por Halliday & Hasan (1976). O que pretendemos, então, neste nosso trabalho, é tentar avaliar, através do estudo dum texto poético altamente metafórico, *primeira* se é possível encontrar elos coesivos entre as metáforas e a conectividade sequencial do texto; *segunda* até que ponto os factores de coesão presentes no texto criam condições de continuidade que permitam ao leitor encaixar as peças não-coesivas; e *terceira* se isso não acontece, qual ou quais as operações necessárias para restabelecer a continuidade textual.

O texto escolhido para o nosso trabalho é o poema 'Dispersão', de Mário de Sá-Carneiro (s.d: 20-23). Trata-se de um poema relativamente longo, constituído por vinte e duas quadras e um dístico. A esta divisão formal não corresponde sempre a divisão sintáctica, em frases. De facto, encontramos estrofes abarcando mais do que uma frase (por exemplo a 2ª estrofe, tal como a maioria das quadras, engloba duas frases) bem como um caso em que uma frase se estende por mais do que uma estrofe (12ª e 13ª quadras).

A grande quantidade de frases curtas que compõem o texto leva ao levantamento do problema da sua interligação em termos da coesão textual do mesmo. Neste sentido, fizemos o levantamento de todos os elos coesivos presentes no poema seguindo o modelo proposto

por Halliday e Hasan (1976:329-355). Imediatamente se observa o esmagador predomínio de elos de tipo lexical. Estes laços ligam, na maior parte dos casos, frases pertencentes à mesma estrofe ou a estrofes adjacentes. Isto faz com que haja uma certa fragmentação e independência entre as várias partes do texto. Uma certa unidade é, no entanto, conseguida por uma cadeia de referências de primeira pessoa que se prolonga durante todo o texto. Perfazendo um total de sessenta, cerca de dois terços destas referências encontram-se explícitas através de pronomes pessoais e pronomes e determinantes possessivos sendo cerca de uma vintena os casos em que a marca de primeira pessoa é apenas transmitida pelas formas verbais. Uma dificuldade que se levanta no presente texto é a da inclusão ou não, nesta cadeia de referências ao sujeito enunciador, de formas na terceira e segunda pessoas. Na realidade, em determinadas interpretações do texto, estas referências são consideradas. É o caso por exemplo do "tu" e "pobre moço" na estrofe 6, que parece designar o poeta à semelhança do "eu" e "pobre menino" da estrofe 19, em que essa referência não desperta dúvidas. Entre estes dois casos, podemos sem dúvida reconhecer ligação coesiva de tipo lexical mas daí não decorre necessariamente a co-referencialidade "eu"- "tu".

À pouca variedade de laços coesivos acrescenta-se ainda a ocorrência de frequentes elos por reiteração do mesmo item lexical (exs. vida, domingo, ânsias, alma). A repetição de vocabulário, de preferência ao recurso à perífrase ou ao sinónimo, é intencional, assumida, e é mesmo posta em relevo no poema. De facto, em 19 das 23 estrofes encontramos em posição de rima, lugar de destaque, itens repetidos, o que parece contribuir também para o ritmo entrecortado e rápido do poema. Ao mesmo tempo é atingida grande densidade de efeito poético num relativamente pequeno número de itens. Para esta compacidade de expressão é igualmente factor determinante a plurissignificação com que determinadas

expressões enriquecem o texto, nomeadamente as muitas metáforas que se encontram ao longo de todo o poema.

Num texto com as características semântico-formais que acabámos de referir, importa fazer uma interligação entre os aspectos apontados. Nomeadamente, impor-se-á saber se a utilização da metáfora provocará dificuldades em relação à coesão do texto e em que medida a coesão textual, só por si, facilita a descodificação desta figura.

Vejamos de seguida aquelas metáforas que, no poema 'Dispersão' nos pareceram mais significativas tendo em vista os objectivos deste estudo.

A utilização da metáfora permite uma quantidade de variações, podendo ir desde uma simples expressão figurativa (metáfora simples) até todo um complexo de expressões desenvolvendo uma mesma ideia central (metáfora desenvolvida)⁽⁴⁾. Em ambos os casos, os dois termos da figura (aquilo a que se refere e aquilo em cujos termos o primeiro é apresentado) podem estar expressos na superfície textual ou pode ainda verificar-se que um dos termos, ausente, deverá ser deduzido a partir do termo explícito. A originalidade da figura reside na escolha deste termo, no seu campo de aplicação. É justamente aqui, como veremos, que reside o alto valor estético das metforas em 'Dispersão'.

Logo na primeira estrofe somos confrontados com a linguagem metafórica da imagem:

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto.

Trata-se de uma metáfora desenvolvida em que se salientam pelo seu poder sugestivo as expressões *Perdi* e *labirinto*, palavras-chave para a descodificação dos dois versos. O lexema *labirinto* não é retomado em nenhuma das frases seguintes, não estabelecendo elo coesivo de

nenhuma espécie e não contribuindo para a coesão interfrástica do texto. Este facto faz destacar esta expressão como o termo metafórico a que já Aristóteles chamava "estranho" (allogrios). Este destaque, no entanto, surge como uma chamada de atenção do receptor para a presença da linguagem figurada e constitui, consequentemente, um alerta para uma descodificação apropriada. Recorrendo aos dois versos citados em que o lexema *labirinto* se enquadra, verificamos que aqui, ao nível intrafrástico, são estabelecidas relações com outros elementos. A presença do verbo *perder* em conjugação pronominal reflexa (*Perdi-me*) é imediatamente associada a labirinto. O verbo *perder* é retomado na 11ª quadra: "Não perdi a minha alma, /Fiquei com ela perdida", em que o objecto da perda é identificado como a *alma* do sujeito enunciador. Isto confirma o carácter subjectivo, interior, da perda referida no início do poema e a essência emotiva do labirinto que é o poeta: "eu era labirinto".

A caracterização deste eu poético, do seu interior, nomeadamente da sua insatisfação é, durante todo o poema, veiculada por metáforas de tipo concretizante:

Passei pela minha vida
Um astro doido a sonhar (estrofe 2)

A grande ave doirada
Bateu asas para os céus,
Mas fechou-as saciada
Ao ver que ganhava os céus (estrofe 7)

Estas duas metáforas desenvolvidas não constituem ligações nem com expressões que no texto as precedam nem com elementos posteriores. A metáfora da *ave doirada* apresenta-se mais enigmática, uma vez que o primeiro termo da figura está totalmente ausente da superfície

textual. Encontramos um enigma semelhante na última estrofe:

Castelos desmantelados,
Leões alados sem juba...

Aqui, o mistério e a subtiliza da linguagem são ainda reforçados graficamente pelo uso das linhas pontilhadas e pelas reticências. Também o facto de ser a única estrofe com um número diferente de versos realça a sua singularidade. Estas metáforas, em que um dos termos é desenvolvido enquanto o outro não é explicitado, são pois particularmente exploradas no poema, condensando as ideias centrais que são transmitidas ao longo de todo o texto. O modo enigmático da apresentação da figura, com a ausência, como vimos, do termo primário, bem como a falta de coesão com as restantes frases do texto exigem do receptor o recurso a outros processos que não o reconhecimento de elos coesivos (já que estes não são estabelecidos) para a correcta interpretação destas estrofes.

Além destas metáforas desenvolvidas, encontramos ao longo do poema metáforas simples, isto é, condensadas numa única expressão linguística. Esta pode pertencer a qualquer categoria morfológica.

O adjectivo é talvez a expressão mais explorada neste sentido, dando origem a associações originais e por vezes inesperadas, como é o caso de:

alma amortalhada/ sequinha	(estrofe 10)
boca doirada	(estrofe 13)
hálito perdido	(estrofe 13)
tarde doirada	(estrofe 13)
dia/ pintado	(estrofe 16)
sono outonal	(estrofe 21)

Tal como nas metáforas que vimos acima, também aqui procuraremos situar estes adjetivos na coesão textual. Em relação ao primeiro, *amortalhada*, o qual nos aparece como claramente metafórico já que aplicado a alma e não a corpo, constitui um laço de tipo lexical por colocação com o lexema *morte* da quadra seguinte. Também o objecto caracterizado, *alma*, está presente nas duas quadras, o que faz com que estas constituam um bloco coeso cuja globalidade facilita a interpretação da figura. Em relação aos outros adjetivos mencionados atrás, já o contributo deste nível de textualidade não é tão determinante.

Em menor quantidade surge o emprego metafórico do verbo e do substantivo. Uma ilustração do primeiro caso surge logo na terceira estrofe:

O tempo que aos outros foge
Cai sobre mim feito ontem

Nestes versos, duas formas verbais (*foge*, *cai*) apresentam-se como predicadores do mesmo argumento (*O tempo*). A primeira forma, *foge*, constituirá um exemplo do que Ricoeur (1983) denomina "metáfora morta", ou seja, uma metáfora que, pelo uso, se tornou trivial deixando de ser sentida como figura e cujo significado se encontra já dicionarizado. No entanto, nestes dois versos, o poeta dá-lhe vida nova sobrepondo-lhe um outro verbo dinâmico (*cai*), o qual não é vulgarmente aplicado ao tempo. A ideia de fugacidade e rapidez veiculada por estes dois verbos é facilmente relacionada com outras formas verbais presentes na estrofe anterior (*Passei*, *ultrapassar*). A mesma ideia se encontra presente numa nova ocorrência do verbo 'fugir' quase no final do poema e também aplicada à entidade temporal absoluta:

A hora foge vivida (estrofe 22)

Em relação à utilização metafórica do substantivo, temos um exemplo na estrofe 21:

Álcool dum sono outonal

Trata-se, também aqui, de uma metáfora de tipo concretizante - em que uma abstracção é apresentada sob uma forma concreta e física (Leech, 1983: 158) - mas cuja descodificação não é facilitada por qualquer tipo de relação coesiva tendo o receptor do texto que recorrer a conhecimentos extra-linguísticos.

Constituirá este, talvez, um dos maiores desafios da leitura do texto poético. Verificámos, através dos exemplos apresentados, que a expressão metafórica, ao provocar a presença de um elemento estranho na superfície textual, constituirá conseqüentemente um obstáculo à coesão do texto.

O estudo dos elos coesivos, apresentado muito resumidamente, mostrou a pouca conectividade sequencial do texto na sua totalidade. Existe coesão entre frases imediatas, criando unidades que não se relacionam entre si de modo a produzir uma continuidade linear ao longo do texto.

Com efeito, o poema, seguindo uma tendência da poesia simbolista e pós-simbolista, não favorece a leitura linear que a disposição textual impõe, já que não desenvolve nem uma narrativa nem um argumento em termos evolutivos. Podemos dizer que o único elemento passível de criar uma cadeia coesiva se encontra na reiteração de pronomes da primeira pessoa, os quais podem tornar-se endofóricos em textos literários (Halliday & Hasan, 1976: 50), cujas convenções são aceites pelo leitor. Mas as metáforas relacionadas com o eu enunciador são tão díspares entre si, que nos questionamos se esta coesão cria a conectividade sequencial necessária à instalação duma continuidade

conceptual, ou se apenas nos evita a necessidade de concluir que o poema não é um texto mas vários «5».

Outro aspecto digno de atenção, em termos de coesão, é a organização temporal do texto. A ausência de conjunções temporais e o predomínio de verbos no tempo presente corroboram a natureza não-evolutiva do poema. Os verbos no pretérito perfeito, que dominam as duas primeiras quadras, constituem apenas um pano de fundo explicativo para os lamentos que ocupam o seguimento do texto, mas nada indica uma ordem temporal para as unidades conceptuais que o compõem. Elas, aparentemente, poderiam ser organizadas seguindo outras ordenações e um trabalho mais extenso poderia examinar as condições coesivas possibilitadas dessa forma. No entanto, o produtor do texto deu-lhe a disposição que conhecemos, desde a versão que enviou em carta a Fernando Pessoa, a 3 de Maio de 1913.

Segundo Beaugrande & Dressler (1981:185), a coesão do texto poético é escorada, em parte, por oposição à coesão de outros tipos textuais, em parte, de acordo com convenções peculiares do tipo a que pertence. Como os autores não exemplificam a primeira afirmação, julgamos entender por ela que existem factores de coesão, como, por exemplo, a rima, ou outros elementos formais, que não aparecem em outros tipos textuais. No presente caso, vimos que a rima favorece a natureza entrecortada ou fragmentária do texto, e a forma estrófica, curta e sempre igual, dá a maior liberdade ao poeta. Somos obrigados a concluir, então, que a limitação da coesão à reiterada presença do enunciador, juntamente com as quebras de conectividade sequencial verificadas, obedecem a uma intenção, a um plano, por parte do produtor do texto. Perante as descontinuidades ou discrepâncias, a qualquer nível do discurso, o receptor do texto faz, de acordo com Beaugrande & Dressler (1981:144), uma 'motivation search', no intuito de descobrir o significado

das ocorrências, o porquê da sua selecção e como integra-las na continuidade necessária à comunicação.

No caso do poema de Sá-Carneiro, as descontinuidades foram encontradas a nível da organização lexicogramatical do texto e as próprias metáforas constituem discrepâncias, na medida em que contradizem os nossos conhecimentos do mundo real. Trata-se, portanto, dum texto com um teor muito alto de informatividade de terceira ordem, que coloca em perigo a própria coerência do discurso. A pergunta que devemos formular é, pois, esta: dado que a nossa leitura do texto é linear, será possível estabelecer a continuidade de que parece depender a nossa utilização do texto, quando este não apresenta condições de conectividade linear? Como é que a resolução das discrepâncias individuais provocadas por cada metáfora tornará possível estabelecer uma conectividade conceptual e esta poderá reflectir-se numa coesão implícita, já que os autores estão de acordo em considerar que ela nem sempre depende da expressão explícita dos elos conectivos?

Diríamos, desde já, que este texto não parece admitir o tipo de tratamento dado por um de nós a outro texto poético, em comunicação apresentada a um encontro anterior desta Associação (Parker, 1987). Existe, é certo, *situation management* (orientação situacional), mas no sentido em que o produtor do texto não permite qualquer intervenção da parte dum suposto enunciatário (o leitor), que é, pelo contrário, obrigado a colocar-se na situação do enunciador e experimentar as sensações estranhas que este lhe propõe: ser labirinto, ser um astro doido a sonhar, sumir-se em sombra e além, etc. Diríamos que esta seria, então, a intenção, o plano, do produtor deste texto: substituir o mundo real por um mundo textual, que passa a ter estatuto de mundo real e é proposto, como tal, ao leitor. Desta forma, as metáforas serão incongruências lexico-gramaticais, serão discrepâncias, mas não serão transgressões intencionais à máxima de

qualidade, de Grice, porque o produtor do texto acredita no que diz.

Por outro lado, reduzir as discrepâncias envolve o recurso a *downgrading* e à intertextualidade, pois o livro a que o texto pertence, e que lhe leva o nome, pode ser considerado um só poema, de tal maneira os temas e o mundo imagístico se entretecem e se completam. Aplicar o *outward downgrading*, de acordo com Beaugrande & Dressler, significa buscar inferências fora do texto; mas neste caso não as iremos buscar aos nossos conhecimentos do mundo real, pois a metáfora que inicia o texto tem de ser entendida em função dum passo exaltado do poema 'Partida', onde o enunciador exclama: "Sou labirinto, sou licorne e acanto" (Sá-Carneiro, s.d). Desta forma, uma afirmação que podia ser entendida num nível relativamente simples - que o enunciador se sente confuso - com o acréscimo dum 'enfeite estilístico' (a metáfora do labirinto), toma outra condição, apontando para o narcisismo que é um dos marcos da poesia de Sá-Carneiro e que aparece diversas vezes ao longo do presente texto. O narcisismo e o alheamento da vida normal, ou seja do mundo real que seria o ponto de apoio para as inferências que, como utilizadores de textos, costumamos contribuir para a continuidade textual.

Essas inferências baseiam-se, essencialmente, nos modelos mentais a partir dos quais organizamos os nossos conhecimentos do mundo: as *estruturas globais* (*global patterns*) referidas por Beaugrande & Dressler (1981:90-91). Segundo estes autores, o receptor do texto recorre a estas estruturas para construir e testar hipóteses acerca do tópico central do texto e sobre a forma pela qual o mundo textual está a ser organizado (1981:88). Sem entrar em mais pormenores, parece evidente que a ausência duma sequência de ocorrências e estados só permitiria, para o presente texto, o recurso ao *frame*, a estrutura que integra conceitos relacionados sem indicar como serão ordenados. Agora, uma vez que o produtor do presente texto substitui o mundo textual ao

mundo real, isto significa que os *frames* a que costumamos recorrer não podem funcionar a partir da superfície textual, já que as próprias palavras, empregadas metaforicamente, não representam os conceitos do nosso mundo real. Parece-nos que será necessário tentar relexicalizar os conceitos, com base num trabalho de *outward downgrading*, apelando para a intertextualidade, para depois avaliar até que ponto poderemos falar em continuidade textual.

O próprio título do texto não nos dá grandes garantias de êxito, se o entendermos como conceito dum *frame* baseado no nosso mundo real: a sugestão de separação e espalhamento parece até excluir a ideia de continuidade. Mas esta não significa sempre uma sequência linear com ligações fáceis: a necessidade de fazer um investimento relativamente grande para estabelecer a continuidade necessária à utilização do texto também tem a sua recompensa. A presente comunicação acaba sendo apenas um trabalho preparatório que terá de ser completado noutra oportunidade, quando esperamos poder tirar algumas conclusões de utilidade geral para o estudo da metáfora em contextos do tipo apresentado.

(Por ser sobejamente conhecido e de fácil acesso, não reproduzimos aqui o texto do poema)

Notas

1. Para os eventuais interessados, incluímos nas referências bibliográficas alguns dos títulos mais importantes relacionados com os diversos aspectos do assunto.
2. Ver p.ex. Morgan, J. & Sellner, M. B. (1980) e Carrel, P. L. (1982)

3. "It is the continuity provided by cohesion that enables the reader or listener to supply all the missing pieces, all the components of the picture which are not present in the text but are necessary to its interpretation."

4. Sobre esta distinção e sua ilustração em poemas de Sá-Carneiro cf. PARKER, s.d: 467-473.

5. "For most purposes, we can consider that a new text begins where a sentence shows no cohesion with those that have preceded." (Halliday & Hasan, 1976:295) Com efeito, os pronomes de primeira pessoa não se encontram presentes em todas as frases, mas onde faltam outros elementos asseguram alguma coesão (casos das estrofes 5 a 7, sobretudo).

Referências

- Beaugrande, R A de. 1980. *Text, Discourse and Process*. Longman
- Beaugrande, R A de e Dressler, W. *Introduction to Text Linguistics*. Longman.
- Carrel, Patricia L. 1982. 'Cohesion is not Coherence', *TESOL Quarterly*, 16, 4, 479-488.
- Ching, M.K.L., Haley, M.C. & Lunsford, R.F. (eds), 1980. *Linguistic Perspectives on Literature*. London, Routledge & Kegan Paul.
- Halliday, M.A.K & Hasan, R. 1976. *Cohesion in English*. Longman.
- Leech, Geoffrey N., 1983. *A Linguistic Guide to English Poetry*. London-New York, Longman.
- Levin, Samuel R., 1979. *The Semantics of Metaphor*. Baltimore-London, The Johns Hopkins University Press.

- Miall, David S. (ed), 1982. *Metaphor: Problems and Perspectives*. Sussex, The Harvester Press.
- Morgan, J & Sellner M. B. 1980. 'Discourse and Linguistic Theory', in: Sapiro, Bruce & Brewer, 1980, 165-200.
- Ortony, Andrew (ed), 1988. *Metaphor and Thought*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Parker, John M., s.d. *The Life and Works of Mário de Sá-Carneiro*. Dissertação de Doutoramento, Cambridge (King's College).
- Parker, J. M. 1987. 'Situacionalidade e texto poético'. Comunicação apresentada ao III Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa.
- Parker, J. M. e Coimbra, R. L. 1988. 'Factores de coesão no ensino do texto poético', *Actas do 1º Encontro Nacional de Didácticas e Metodologia do Ensino*, Universidade de Aveiro
- Ricoeur, Paul, 1983. *A Metáfora Viva*. Porto, Rés Editora.
- Sá-Carneiro, Mário. s.d. *Foesias Completas*. Porto.
- Sapiro, R. J., Bruce, B. C. & Brewer, W. F. (eds). 1980. *Theoretical Issues in Reading Comprehension*. Hillsdale-New Jersey, Lawrence Erlbaum.
- Stroik, Thomas S., 1988. *The Pragmatics of Metaphor*. Bloomington, Indiana, Indiana University Linguistics Club.